

## A ARTE E A INCLUSÃO ESCOLAR E SOCIAL: ASPECTOS PSICOLÓGICOS A SER OBSERVADOS

*Emílio Figueira*

[Índice](#) [Mini currículo dos autores](#)

### RESUMO

Focando os relacionamentos das pessoas com deficiência com as artes por meio da Educação Inclusiva e Social, este artigo traça o fazer artístico e seus benefícios a essas pessoas e à sociedade em geral. Tendo o pensamento de Vygotsky como base teórica, destaca pontos como: a questão do desenvolvimento global, a linguagem como sistema simbólico dos grupos humanos, as amadas Zonas de Desenvolvimento Proximal – ZDP, o sujeito, não é apenas ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais. Por meio da produção artística se dará a interação do aluno e seu o grupo, as relações sociais, o encontro com o novo, visando a aquisição e a transformação do conhecimento nas áreas dos aspectos social e cultural, psicológico, emocional e racional. Oferecendo atividades artísticas às crianças, adolescentes e adultos com deficiências, teremos como objetivo, a *sociabilização* com a possibilidade de integração/inclusão e outros objetivos sociais.

**Palavras-chave:** Pessoas com Deficiência, Educação Inclusiva, Vygotsky, Arte e Inclusão.

### Introdução

Pouco se tem pesquisado com relação a temática dos relacionamentos das pessoas com deficiência com as artes. Não sabemos e não discutimos direito, em uma época que se fala tanto em *inclusão social*, a arte e os benefícios psicológicos, sociais que o fazer artístico poderá trazer para essas pessoas e à sociedade em geral. Como em todos campos de atuação, as pessoas com deficiência também produzem arte. Uns por motivos terapêuticos, mas a grande parte por próprios talentos e dons artísticos!

1

E a produção cultural realizada por elas é tão importante, à medida que elas tenham a oportunidade de utilizar ao máximo as suas capacidades criadoras, artísticas, não apenas em seu próprio benefício como também, para o enriquecimento da comunidade. Por meio da Educação Inclusiva, poderemos assegurar à elas o acesso às atividades culturais. Quando necessário, realizar

adaptações especiais para atender às necessidades das mais variadas deficiências, incluir equipamento de comunicação para surdos, literatura em braille ou cassetes para as pessoas com deficiência visual, material de leitura adaptado à capacidade mental do indivíduo. E compreendendo Arte como a esfera das atividades culturais – a dança, a música, a literatura, o teatro e as artes plásticas -, é que lanço uma reflexão: Por meio das atividades artísticas dentro do processo de Inclusão Escolar, quais os benefícios psicológicos e sociais às pessoas com deficiência e à sociedade?

## **1 – Criatividade**

Temas que enfocam a "Criatividade" ganham espaços cada vez mais amplos em debates e palestras sobre educação, psicologia, artes, relações sociais e ou profissionais. Apesar de há anos estudiosos dizer da importância da criatividade, é na atualidade que o homem cada vez mais tem tomado consciência do seu Potencial Criativo, ao gerar uma infinidade de soluções e resultados positivos para o seu cotidiano e melhora sua vida.

Para a Psicologia, a Criatividade é a capacidade distinta de solução de problemas, que permite às pessoas ideias ou produtos originais que são adaptáveis (que servem a uma função útil) e plenamente desenvolvidas. Uma aptidão complexa, distinta da inteligência e do funcionamento cognitivo, e que seria função da fluidez das ideias, do raciocínio intuitivo, de certas qualidades perceptivas e da personalidade, como também da inteligência divergente, na medida em que ela favorece a diversidade das soluções e dos produtos. Os indivíduos criativos dão prova de imaginação, de espírito de invenção e de originalidade. O processo criativo é favorecido por uma atitude positiva ante ideias novas e inesperadas e pela dispersão da atenção antes de sua concentração no problema preposto.

Na área artística, a criatividade passa a ser uma aptidão que o ser humano possui de desenvolver e realizar criações artísticas novas e soluções inesperadas a partir de ideias originais, o chamado *Insights*. Esse pensamento criativo é evolutivo, dotado de inspirações, embora nunca totalmente novo, evoluindo geralmente em quatro estágios, podendo ou não se relacionar entre si, sendo:

- **Concepção** - a ideia surge e é concebida;

- **Materialização** - a ideia surge e é concebida;
- **Interpretação** - a ideia surge e é concebida e a interpreta num processo de auto-avaliação;
- **Re-interpretação** – o processo criativo só se completa quando a obra é re-interpretada pelo público.

Hoje, saber distinguir a inteligência da criatividade favorece o entendimento de algumas questões vividas diariamente pelos homens, pois a inteligência atualmente é analisada pelos cientistas como um atributo da criatividade. Seria o aspecto racional dessa potencialidade humana. Abaixo uma comparação entre a criatividade e a inteligência:

- **Criatividade:** é inovadora, exploratória e aventureira. Impaciente diante de convenções. Atraída pelo desconhecido e indeterminado, o risco e a incerteza a estimulam. É a atividade mental inovadora que se afasta dos padrões costumeiros e resulta em mais de uma solução aceitável para um problema (pensamento divergente).
- **Inteligência:** É cautelosa, metódica e conservadora. Absorve o novo no já conhecido e prefere dilatar as categorias já existentes a inventar novas categorias. É a capacidade de raciocinar de maneira ocasional e chegar a soluções corretas para problemas (pensamento convergente).

Entender melhor o que é a criatividade, como despertá-la e usá-la em nosso dia a dia pode contribuir muito para o sucesso naquilo que realizamos e, sobretudo, como uma forma de autoconhecimento. Ela terá que ser levada em conta no momento que usarmos a arte com suporte à Inclusão Escolar e Social.

Com o uso da imaginação, permite-se ao aluno um trabalho “exploratório” de novas possibilidades. Imaginar é criar, é a capacidade de ver além do imediato. Desenvolver o senso crítico sem medo do ridículo. Abandonar as amarras lógicas do real, tendo a capacidade de encontrar muitas respostas possíveis às mais diversas situações da vida.

Nesse processo, dá-se vazão a inspiração como fusão de várias ideias efetuado em nosso subconsciente. Diante de um problema, uma preocupação, uma situação, no cérebro ocorre uma espécie de jogo associativo entre vários elementos. A imaginação é ativada para propor todas as possibilidades, por mais inverossímeis que sejam. Como inspiração surgem em nossa consciência sínteses e novas configurações dos dados sobre as quais trabalhará o nosso intelecto pensando, julgando, adequando a solução do problema ou à situação.

Qualquer aluno apresenta talentos e competências a serem estimulados e desenvolvidos no ambiente escolar. Mas esse desenvolvimento só ocorrerá na medida que o ambiente familiar, a escola, os amigos e a sociedade em geral oferecer condições para o desenvolvimento do pleno exercício “exploratório” do aluno e seu pensamento divergente e liberdade de imaginação.

## **2 – A questão do desenvolvimento global**

Muito mais que apenas uma atividade escolar, o fazer artístico deve estar preocupado com as questões que envolvem a expressão pessoal de valores, sentimentos, relações, cognição e significações, visto que envolvem subjetividades, já que somos seres de linguagem, como aponta Bueno (2002):

Daí necessidade da mudança de paradigma, de se pensar a arte num espectro mais amplo, atribuindo a ela uma papel de fundamental importância, desde sua conceituação até os aspectos metodológicos que envolvem o seu ensino. Tal concepção implica a consideração da arte como elemento articulador na formação das pessoas com deficiência, que carregam consigo os fatores biológicos, sociais, culturais, psíquicos e o histórico. Assume-se, com essa visão da arte, o sujeito participante de uma realidade contextualizada, onde esta pode ser elemento importante na sua constituição, interação e formação do ser humano (pg 19).

Aqui podemos discutir mais um pouco sobre a importância da linguagem, sobretudo, na teoria de Vygotsky. Para ele, a linguagem, sistema simbólico dos grupos humanos, representa um salto qualitativo na evolução da espécie. É ela que fornece os conceitos, as formas de organização do real, a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. É por meio dela que as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas, portanto, sociedades e culturas diferentes produzem estruturas diferenciadas. Para Vygotsky o humano é essencialmente um ser cultural e

isso se dá por meio da linguagem. A cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade. Ela dá o local de negociações no qual seus membros estão em constante processo de recriação e reinterpretção de informações, conceitos e significações. O processo de internalização é fundamental para o desenvolvimento do funcionamento psicológico humano.

A internalização envolve uma atividade externa que deve ser modificada para tornar-se uma atividade interna, é interpessoal e se torna intrapessoal. Vygotsky usava o termo função mental superior para referir-se aos processos de: pensamento, memória, percepção e atenção, sendo que o pensamento tem origem na motivação, interesse, necessidade, impulso, afeto e emoção – todos elementos também presentes na arte, diga-se de passagem. A interação social e o instrumento lingüístico são decisivos para o desenvolvimento. Existem pelo menos dois níveis de desenvolvimento identificados por Vygotsky: um real, já adquirido ou formado, que determina o que a criança já é capaz de fazer por si própria, e um potencial, ou seja, a capacidade de aprender com outra pessoa. As chamadas Zonas de Desenvolvimento Proximal - ZDP.

Vygotsky apontava a educação como um processo fundamental para qualquer pessoa – tenha ela uma deficiência ou não. A aprendizagem interage com o desenvolvimento, produzindo abertura nas zonas de desenvolvimento proximal que é a distância entre aquilo que a criança faz sozinha e o que ela é capaz de fazer com a intervenção de um adulto; potencialidade para aprender, que não é a mesma para todas as pessoas; ou seja, distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial, nas quais as interações sociais são centrais, estando então, ambos os processos, aprendizagem e desenvolvimento, inter-relacionados; assim, um conceito que se pretenda trabalhar, como por exemplo, em matemática, requer sempre um grau de experiência anterior para a criança. O desenvolvimento cognitivo é produzido pelo processo de internalização da interação social com materiais fornecidos pela cultura, sendo que o processo se constrói de fora para dentro. Para Vygotsky, a atividade do sujeito refere-se ao domínio dos instrumentos de mediação, inclusive sua transformação por uma atividade mental.

O sujeito, na concepção de Vygotsky, não é apenas ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais. É na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência. Trata-se de um processo

que caminha do plano social - relações interpessoais - para o plano individual interno - relações intra-pessoais. Sendo a escola o lugar onde a intervenção pedagógica intencional desencadeia o processo ensino-aprendizagem, o professor tem o papel explícito de interferir no processo, diferentemente de situações informais nas quais a criança aprende por imersão em um ambiente cultural. Portanto, é papel do docente provocar avanços nos alunos e isso se torna possível com sua interferência na zona de desenvolvimento proximal.

Voltando ao ponto principal do nosso estudo – arte e inclusão -, o fazer artístico na área da deficiência muitas vezes assume o papel de atividade prazerosa, uma visão infantilizadora ou até mesmo considerada unicamente como um meio de inclusão, comete o erro de desconsiderar a possibilidade, sua potencialidade de ser um instrumento importante na construção do conhecimento, por exemplo, da pessoa com deficiência intelectual. Destacamos esse grupo de pessoas em especial, porque sempre houve uma dicotomia entre o social e pedagógico no discurso de muitos professores quando se fala em educação inclusiva. No sentido cultural, crianças e jovens com deficiência intelectual sempre foram vistas como incapazes de aprender a ler e escrever.

“As diferenças que são apontadas para tais pessoas podem ser encaradas como um desafio, numa atitude de busca de soluções e não como um estabelecimento de regras que impeçam o avanço de questões conceituais” (BUENO, 2002, p. 19-20). Nesse sentido a arte perde a oportunidade de trabalhar também pelas diferenças no modo de pensar, de ser, de agir, pois, muitas vezes rotulados como incapazes, “as pessoas com deficiência acabam ficando prejudicadas na aprendizagem, na qual a arte pode exercer um papel importante, como agente transformador e ativo na relação ensino-aprendizagem e como constituidora do conhecimento” (BUENO, 2002, p. 20). Surge a importância das experiências e produções artísticas nas relações sociais que ampliam a leitura e a visão do homem como ser também simbólico e de linguagem, que, por sua capacidade de diferentes formas de produção artísticas, propiciam-nos a experiência estética, onde uma visão mais ampla de educação inclusiva, “abre a perspectiva de uma concepção de ensino de arte menos reducionista, que nos mostra uma prática educativa relativa à arte no trabalho com deficientes mais consistente e inovadora” (BUENO, 2002, p. 20).

Isso porque em um processo de produção artístico estarão presentes os sentidos, a expressão, os signos, a técnica, o conhecimento, envolvendo informações, modelos, experiências, trocas e a participação de todos os

presentes nas interações sociais e culturais. Possibilitando o pensamento, organização, ordenação consciente e racional, terá-se o desenvolvimento do intelecto. Destacamos novamente as palavras de Bueno (2002):

A arte desloca o olhar e rompe com o abismo do racional, da racionalidade, da emoção, do sentimento. Rompe com o vácuo existente entre o ser deficiente, pois a atividade artística ordena o pensamento, comunga com a ideia de inseparabilidade trazendo a forma à sua concretude, a visibilidade, a imagem do mundo sensível, carregando consigo a importância enquanto forma da construção da linguagem, do símbolo. É a inseparabilidade entre formas e expressão que move a produção e sua significação. E é no movimento entre as forças internas e externas na formatividade que nasce a expressão.

É nesta visão de interatividade que a linguagem ocupa seu espaço na aprendizagem. É na relação com o outro que se estabelece, adquirindo forma, e nesta perspectiva a arte exerce seu papel nessa constituição, pois estabelece por si essa relação sociocultural. No momento da produção, do fazer, essas relações se concretizam em forma. Quando desenham ou pintam ou desenvolvem qualquer modalidade artística, estão presentes a leitura, o conhecimento dos elementos que envolvem essa linguagem, a organização do pensamento, a significação, a construção da imagem e repertório que as pessoas com deficiência mental trazem de sua existência. Neste sentido que as dificuldades com a linguagem verbal não impedem o desenvolvimento. Ao contrário, muitas vezes auxiliam no próprio processo de constituição da linguagem. Trazem para os deficientes outras maneiras de interagir com o mundo e estabelecer relações interpessoais e intrapessoais, permitindo a essas pessoas a transformação de suas capacidades (pg. 23).

Quase sempre a educação de pessoas com deficiência (principalmente as com deficiências intelectuais), baseou-se em sua causa orgânica, nos seus limites. Mas a partir de uma visão de Vygotsky as possibilidades são condições humanas baseadas nas interações socioculturais e que estabelecerão o seu diferencial. E é esse diferencial que precisamos buscar em nossos alunos com ou sem necessidades educacionais especiais. Bueno (2002, p. 24), acentua que, infelizmente, “ainda há correntes que acreditam que toda manifestação-produção artística é consequência do espontâneo, do sentimento, emoção, portanto faz parte de cada um, colocando a arte como mero instrumento de externalização”. Neste contexto, as atividades artísticas passam a ter uma fundamental importância, não como uma via única, mas uma das vias de interação social para as pessoas com deficiência, mediante as relações sociais e culturais, pelas quais elas se relacionarão e construirão suas visões de mundo.



Recomendamos que, enquanto professores, olhemos para dentro de si, observando nossos próprios preconceitos e receios, visando exorcizá-los. Só aí então, estaremos prontos para o desafio de ajudar tais alunos. E aqui o caminho será a Arte. Não se deve iniciar o trabalho considerando as limitações (deficiências primárias) que se apresentam, mas nossa tarefa é explorar o ilimitado potencial do aluno, apoiado em suas possibilidades (deficiências secundárias) que podem dar ao praticante uma boa condição de aproveitamento. Isso inclui, inclusive, alunos com deficiência auditiva na dança e na música, conforme recomenda Almeida (2000) que

[...] desenvolver a capacidade sensorial, física e auditiva do deficiente irá ajudá-lo na adaptação social, ao se demonstrar habilidade, adquire-se respeito e, por consequência, ganha-se autoconfiança. Assim, ele poderá interagir com seu meio social de maneira segura e independente. Esses aspectos serão de grande valia para o deficiente durante toda a vida. Afinal, sentir-se importante e capaz é fundamental para qualquer pessoa (pgs. 36-37).

Por meio da produção artística se dará a interação do aluno e seu grupo, as relações sociais, o encontro com o novo, visando a aquisição e a transformação do conhecimento nas áreas dos aspectos social e cultural, psicológico, emocional e racional. E com isso observaremos resultados significativos na formação e na relação social, por exemplo, de alunos com deficiência intelectual. Bueno (2002), diz:

A produção interliga a imagem do sujeito com o objetivo, do significado à significação. Considerar este processo como um processo dialético do pensamento, destacando a relação entre o sentir e o pensar, que estão subsidiados pelas concepções que envolvem o conhecimento e a estética, um dos pontos de reflexão. Não se deve considerar, também, os fatores ideológicos, culturais e sociais que envolvem o pensamento artístico, articulando-os perfeitamente com a importância da produção em arte e suas contribuições ao desenvolvimento da pessoa com deficiência mental. As experiências e conhecimento se manifestam nas representações simbólicas, na qual estão presentes as articulações do pensamento, conhecimento e significações. O processo de significação de fazer tem linguagem sua base, possibilitando, assim, a sua própria função simbólica (pgs. 20-21).

No fazer artístico se estabelecem as relações, os pensamentos lógicos, abstratos, articulados na realização do fazer e da forma. Surgem a representação e a interpretação, que pressupõem uma leitura e seus significados, relacionando a emoção e a razão, o sentir e o pensar, desencadeando um outro sentir para um outro pensar. “Traz consigo visão e interpretação do mundo, a partir do momento em que o exercício da produção



pressupõe um fazer que envolver o conhecer e a expressão e essa, por sua vez, envolve o fazer e o conhecer e está inserida no fazer e no próprio conhecer” (BUENO, p. 20-21).

Acreditamos também – embora esse não seja o foco deste artigo -, no poder e contribuições terapêuticas que a Arte poderá trazer a pessoa com deficiência. O processo de fazer Arte significa, no mínimo, resgatar sua condição humana de ser com uma nova dimensão, que extrapola o simples regaste de condição humana. Por meio da intenção emotiva do fazer artístico pode revelar-se suas limitações e seus limites em sua essência, possibilitado o desenvolvimento da sensibilidade perceptiva não convencional, raramente considerada. Por meio do fazer artístico, oferecemos a essas pessoas um ato de prazer e bem-estar, no contato com o material artístico, seja ele forma, som ou gesto. Abrem-se espaços onde portas foram fechadas, onde barreiras aconteceram, permitindo o diálogo mundo-indivíduo mais possível, realidades onde sonhos não eram sequer cogitados. Mas do que o valor artístico do produto ou o “fazer por fazer”, será essencial o fruto de um processo bem vivenciado, plenamente construído, prazerosamente compartilhado.

### **3 – A arte e seus reflexos na vida social do aluno**

Voltando a dialogar com Vygotsky, fator relevante para a educação, decorrente das interpretações, a importância da atuação dos outros membros do grupo social na mediação entre a cultura e o indivíduo, pois uma intervenção deliberada desses membros da cultura, nessa perspectiva, é essencial no processo de desenvolvimento. Isso nos mostra os processos pedagógicos como intencionais, deliberados, sendo o objeto dessa intervenção: a construção de conceitos onde o aluno não é tão somente o sujeito da aprendizagem, mas, aquele que aprende junto ao outro e que o seu grupo social produz, tal como: valores, linguagem e o próprio conhecimento. E essa formação de conceitos espontâneos ou cotidianos desenvolvidos no decorrer das interações sociais, diferencia-se dos conceitos científicos adquiridos pelo ensino, parte de um sistema organizado de conhecimentos. Ao observar a zona de desenvolvimento proximal, o educador pode orientar o aprendizado no sentido de adiantar o desenvolvimento potencial de uma criança, tornando-o real. Nesse ínterim, o ensino deve passar do grupo para o indivíduo.

Em outras palavras, o ambiente influenciaria a internalização das atividades cognitivas no indivíduo, de modo que, o aprendizado gere o desenvolvimento. Portanto, o desenvolvimento mental só pode realizar-se por intermédio do aprendizado, o qual também deve se repedir na vida cotidiana/social – já que somos todos seres culturais.

Deficiências, teremos como objetivo, a *sociabilização* com a possibilidade de integração/inclusão e outros objetivos sociais. Por meio da Arte poderemos aprimorar-nos da multiplicidade de recursos disponíveis nas técnicas de artes, procurando oferecer a essas pessoas a oportunidade de: expressão, auto-afirmação, livre exploração, bem como de incentivar a criatividade de cada um, permitindo compartilhar o conhecimento obtido por meio desta experiência.

Muitas das pessoas com deficiência demonstram uma dificuldade em relacionar-se com outras desconhecidas de seu círculo de convivência. Deixam de frequentar a escola, originando um isolamento social, entregando-se a passar horas a fio em frente de uma televisão (programação normal, vídeo game) ou computador (raramente disponível), o que as deixam, cada dia mais, fechadas em si mesmas.

Uma boa maneira de começar a mudar esse quadro, poderá ser a Arte. Por meio dela, pode-se criar espaços onde essas pessoas sejam estimuladas ao convívio social usando, por exemplo, as possibilidades ligadas às artes plásticas. Em escolas ou instituições que mantenham salas de artes, essas pessoas devem encontrar a oportunidade de participar de uma situação social gratificante: compartilhando o material com os colegas, observando o que o companheiro está fazendo ou produzindo, conversando e ouvindo o que o colega tem a dizer, esperando a sua vez de ser atendido e, assim, aprendendo e vivenciando a cooperação e integração/inclusão.

Com a perspectiva voltada à *sociabilização*, é de fundamental importância que convivam com pessoas não-deficientes, proporcionando a ocorrência da Inclusão Social naturalmente. No entanto, convivendo com outras pessoas que têm deficiências, as mesmas dificuldades e questões semelhantes, se apropriarão do espaço que lhes é oferecido para compartilhar convivências. Terão a oportunidade de constatar que não são únicos em sua 'diferença', possibilitando assim, que se reconheçam e expressem este autoconhecimento, o que, por si só, já faz com que a sobrevivência seja bem mais feliz. Segundo Costa (2000),

[...] ao adentrar-se na complexidade do universo da arte, o indivíduo com necessidades educacionais especiais pode trabalhar os seus sentimentos em relação à sociedade, que, na maioria das vezes, o discrimina ou segrega, devido aos preconceitos ou estigma. O trabalho com arte é capaz de transformá-lo em um ser humano socialmente ativo, com uma auto-estima positiva e uma função social determinada.

A escola é um espaço de vivência e de construção do conhecimento. O ensino da arte na escola busca promover o desenvolvimento das potencialidades individuais, do espírito de integração em grupo e da formação do indivíduo conhecedor do legado artístico-cultural da humanidade.

A linguagem artística acompanha toda a evolução da história da humanidade, e está presente em todo processo de escolarização. A arte faz parte da vida de todos.

A arte na educação especial têm condições de promover o desenvolvimento da motivação e da criatividade do aluno, numa tentativa de torná-lo um sujeito mais sensível e aberto para descobrir suas habilidades (pg. 16).

## **CONCLUSÕES**

As atividades artísticas vivenciadas no ambiente escolar podem e devem ter reflexo na vida cotidiana desses alunos. Desenvolvendo caminhos próprios de expressão, a partir do conhecimento de materiais, técnicas e conhecimento das diversas produções artísticas, eles serão capazes de participar de modo mais efetivo do seu contexto sociocultural. Estarão contribuindo produtivamente, transformando o seu desenvolvimento em processo contínuo de aprendizagens e de reconstrução de seus modos de expressão, uma grande forma de exercer sua cidadania, estar presente na sociedade em que vive.

Infelizmente, a vida moderna tornou-se uma eterna competição, como uma necessidade de sobrevivência, o que é refletido no ambiente escolar, tornando-se, muitas vezes, uma obsessão em se competir com os outros em muitas das atividades propostas. As práticas educacionais não podem, ou pelo menos deveriam favorecer esse individualismo, permitindo aos alunos se fecharem em suas próprias capacidades e oportunidades; não deveriam favorecer a competição que visa destacar o “melhor”, o que “é mais”, os alunos que se sobressaem.

A arte pode ser uma forma de combater esse individualismo, uma vez em que nivela todos por iguais. Ser o início da construção de uma sociedade pluralista, formada por pessoas diferentes, com capacidades diferentes, com

lugar para todos em termos de igualdade para todas as pessoas que, nas suas individualidades, têm capacidades, gostos, aptidões e oportunidades.

Investindo no espírito de cooperação de todos para o bem de todos, estaremos possibilitando de uma ação educacional integrada, destimulando políticas competitivas e individualistas, mais cooperativistas que valorize produtos coletivos, participação diferenciada dos membros, segundo suas capacidades próprias, estimulando a que cada um dê o máximo de si para o próprio bem e o bem de todos.

Esse cooperativismo estimulado por criações artísticas coletivas, pode refletir em ações de inclusões comunitárias de formas naturais. Será um tipo de interação, caracterizando-se pela definição bem clara de quem dá e quem recebe auxílio, em uma assistência voluntária. Em muitas escolas essas experiências têm sido realizadas com sucesso; alunos com algum tipo de deficiências, de classes ou programas especiais, ao serem incluídos em escolas de ensino regular, recebem de forma natural auxílio de colegas não-portadores de deficiências, para tarefas como a locomover-se, a vestir-se, a brincar no *play-ground*, a cumprir uma tarefa de aritmética, a fazer uma leitura, a jogar dama, etc. Isso gera uma proximidade e uma comunicação verbal, onde a presença do outro provoca oportunidade de pensarmos, refletirmos, ou simplesmente reagirmos espontânea ou condicionadamente, permitindo que experiências positivas ou negativas ocorram e deverão ser examinadas, avaliadas, enriquecidas ou redirecionadas. Segundo a arte-educadora Ana Mae Barbosa (2003, p. 9)

[...] as Organizações não-governamentais, que trabalham com os excluídos ou desprivilegiados da sociedade, têm obtido sucesso ao desenvolverem um trabalho voltado para o ensino da Arte e até vêm ensinando às escolas a lição da Arte como o caminho para recuperar o ser humano em seu processo global de desenvolvimento [...]

Esse auxílio vai se refletir em outras atividades como ballet, natação, ginástica, etc, utilizadas como meio de desenvolvimento pessoal, visando proporcionar oportunidades para interação entre pessoas com deficiência e outros membros da comunidade. Estimularão, inclusive, a participação em atividades grupais de fazer, tais como almoços em restaurantes e outras atividades da vida diária e social.

## Referencias

ALMEIDA, A.C. **Surdez, paixão e dança**. São Paulo; Olho D'água, 2000.

BARBOSA, A.M. Arte e inclusão. **Caderno de textos – Arte sem barreiras**. Ano 2, no. 3 – agosto/dezembro de 2002.

BUENO, R.P. A arte, ensino e produção artística na diferença. **Caderno de textos – Arte sem barreiras**. Ano 1, no. 1 – setembro/dezembro de 2002.

COSTA, R.X. da. A socialização do portador de deficiência mental através da arte. Brasília; **Revista Integração**; Ministério da Educação e Desportos/Secretaria da Educação Especial, ano 12, 2000, p.16-19.

VYGOTSKY, L. **Obras Completas**: fundamentos de defectologia. Cuba: Havana, Pueblo e Educación, 1989, v. 5.